

Aumento da Carga de Trabalho dos Professores: Uma Análise do Trabalho Docente no Período Pandêmico Emergencial Remoto



Errol Fernando Zepka Pereira Junior ¹; Lauro Francisco Mattei ²
^{1,2} Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

RESUMO

É certo que a pandemia alterou as relações de trabalho de muitos trabalhadores em suas atividades laborais. No entanto, é necessário trazer luz ao impacto direto que esta traz em atividades docentes. Dessa forma, esta pesquisa busca identificar quais implicações do trabalho remoto geram aumentos na carga de trabalho dos professores durante a pandemia da Covid-19, na transposição de um evento presencial para modalidade remota e virtual. Para isso, foi performada uma pesquisa diagnóstica, qualitativa analisando o conteúdo de entrevistas em profundidade com sete professores membros da comissão organizadora da 19ª Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande, em 2020. Como principais resultados, percebe-se a angustia dos professores para poderem voltar e executar o trabalho de forma presencial, os aspectos de estrutura física do trabalho, como questões ergonômicas apresentando-se como uma dificuldade, o ambiente familiar atrapalhando o trabalho remoto, bem como o trabalho remoto também atrapalhando o ambiente familiar e uma intensificação e/ou aumento da jornada de trabalho dos professores.

Palavras chave: carga de trabalho; trabalho docente; trabalho remoto; evento acadêmico.

ABSTRACT

It is true that the pandemic has altered the work relationships of many workers in their work activities. However, it is necessary to shed light on the direct impact it has on teaching activities. Thus, this research seeks to identify which implications of remote work generate increases in the workload of teachers during the Covid-19 pandemic, in the transposition of a face-to-face event to a remote and virtual modality. For this, a diagnostic, qualitative research was performed, analyzing the content of in-depth interviews with seven professors who were members of the organizing committee of the 19th Exhibition of University Production at the Federal University of Rio Grande, in 2020. The main results are the anguish of the professors to be able to come back and perform their works in person, the physical structure aspects of the work, such as ergonomic issues posing as a difficulty, the family environment hindering remote work, as well as remote work also disrupting the family environment and an intensification and/or increase in the working hours of teachers.

Key Words: workload; teaching work; remote work; academic event.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 exigiu mudanças rápidas nas relações de trabalho de diversos ambientes de trabalho. Não seria diferente essa alteração quanto à área da educação e o trabalho docente dos professores do ensino superior. O trabalho que vem sendo desenvolvido de forma consolidada presencialmente colocou diversos profissionais

em uma nova estrutura de ensino remoto. As aulas, orientações, atividades de extensão, antes desenvolvidas dentro dos espaços das instituições do ensino superior passam a ser conduzidas de dentro das casas dos professores. A tecnologia, antes sendo a sala de aula, passa a ser um uso massivo de tecnologias da informação e comunicação (TICs). A utilização de TICs para apoio de atividades de trabalho na área da educação tem sido uma busca, que por diversos momentos pode gerar algum tipo de constrangimento e/ou resistência à sua implantação.

Pereira Junior et al. (2019) analisaram – em período anterior ao da pandemia – a implementação de uma ferramenta que viesse à auxiliar professores e trabalhadores da educação no desdobramento de eixos do planejamento estratégico em uma secretaria de educação a distância de uma universidade federal do sul do Brasil. Os pesquisadores apontaram que a principal limitação encontrada foi a questão comportamental, que se refere à dificuldade do indivíduo em usar a tecnologia ainda que possua um nível elevado de compreensão sobre ela. Como origem dessa limitação, encontram-se problemas interpessoais na equipe, problemas de comunicação e a necessidade de um gestor mais integrado ao fluxo de trabalho do processo de planejamento estratégico da secretaria.

Nessa mesma pesquisa, os autores ressaltam que a inserção de um novo sistema pode gerar resistência na equipe de trabalho. Todavia, no setor privado, essa resistência tende a ser reduzida devido a necessidade do uso do sistema de forma impositiva pelo gestor. Entretanto, no setor público, percebe-se que essa resistência pode se constituir uma barreira, pois o envolvimento dos servidores pode ser decisivo para a efetividade da implementação de uma mudança.

Nesse mesmo sentido, Novello et al. (2021) já tendo a pandemia da Covid-19 por pano de fundo, pesquisaram sobre o impacto da inserção massiva das TICs, especificamente Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) no trabalho dos professores. A pesquisa ressalta que a pandemia da Covid-19 gerou grandes efeitos na educação e na necessidade de uma rápida resposta adaptativa de instituições, docentes e discentes, na busca de uma resolução que permitisse a continuidade do processo educativo em outros formatos. Dentre as principais limitações, os autores identificam fatores sociais (integração entre as funcionalidades do AVA para os usos da docência) e materiais (problemas com a internet). Os resultados levam a perceber que as limitações de acesso apontadas pelos professores estão alinhadas à ausência de artefatos apropriados e/ou dificuldades em configurá-los, além disso, questões ergométricas, como mobiliário e ambiente apropriado também foram apontados. Destaca-se ainda, o impacto do trabalho remoto na rotina e experiências da família e os desafios em alinhar as demandas de trabalho.

Assim, as questões do impacto massivo da tecnologia já começam a aparecer alterando a relação de trabalho dos professores. Orientados pela mesma lente teórica, Pereira Junior e Novello (2021) tendo em vista a emergente necessidade da reestruturação do processo de trabalho dos professores para o formato remoto através da intensificação na utilização das tecnologias da informação e comunicação, mapeiam os principais problemas apontados pelos professores, no tocante à utilização das ferramentas digitais para a vivência da docência, durante o período de trabalho remoto na pandemia.

Dentre os achados da pesquisa, algumas questões pessoais e de cargo de trabalho apareceram na fala dos professores, como: dificuldades com a gestão de horários pré-determinados, as constantes alterações de agenda, sobreposição do trabalho docente com as atividades domésticas. Ainda aparecem questões como a invasão de privacidade por causa das câmeras abertas nas casas e isso perpassar a dinâmica familiar, além de gerar angústia por parte de estar em casa, mas não necessariamente poder ficar com a família. Os autores finalizam ao trazer a discussão de que, embora pesquisas sobre trabalho remoto venham abordando termos que induzem a ideias de autonomia, flexibilidade, produtividade, utilização do espaço, balanço trabalho-família, entre outros, é necessário um contraponto e se analisar as percepções, experiências e perspectivas daqueles que, inevitavelmente, são envolvidos no processo de trabalho remoto também precisam ser abordadas pelos pesquisadores.

Diante disso, esta pesquisa torna-se relevante pois almeja responder: quais, das diversas alterações que permeiam a prática docente durante o trabalho remoto podem estar gerando aumento da carga de trabalho dos professores? Para isso, define-se como objetivo geral, identificar quais implicações do trabalho remoto geram aumentos na carga de trabalho dos professores durante a pandemia da Covid-19, na transposição de um evento presencial para modalidade remota e virtual.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 Limitações digitais: estudos seminais

Os primeiros estudos analisando limitações digitais iniciam na década de 80, onde Barras (1986), as estudou quanto oportunidade, usabilidade e adaptabilidade. Para o autor, os ambientes precisariam adequar-se ao uso das novas tecnologias. Uma vez adaptados e utilizando a tecnologia, os usuários precisariam ter configurações minimamente adequadas a seu uso, como computadores e softwares, que fossem “fáceis de usar”. Por fim, Barras adianta um conceito de resistência à mudança em adaptabilidade, uma vez que

a força de trabalho precisaria de “ajustes” no sentido de treinamentos, para melhor a taxa de adoção ao uso.

Todavia, a maior parte dos estudos das décadas de 1980 e 1990 focaram na tecnologia propriamente dita, deixando a perspectiva do usuário em uma via secundária nas pesquisas subsequentes. Porém muitas coisas mudam no ínterim 1980/2000, desde o aporte inicial proposto em Barras: aspectos como usabilidade, design, e um uso já massivo da internet na década de 2000, proporcionou um ambiente onde novos estudos emergiram na mesma temática. Destacam-se, nessa jornada Van Dijk e Hacker (2003) e Klecun (2008).

Van Dijk e Hacker (2003) levantaram questões psicológicas relacionadas ao usuário não ter experiência digital, seja por falta de interesse ou mesmo por não se sentir atraída ao uso. Além da experiência, habilidades digitais também aparecem, caso a pessoa não tenha um histórico adequado de utilização de outras tecnologias e/ou uma educação que estivesse “defasada” em não colocar esse indivíduo em contato com as tecnologias. Questões materiais também aparecem, uma vez que limitações poderiam aparecer quanto ao fato de não ter o artefato ou mesmo não ter a conexão necessária para esse artefato. Os autores ainda desdobram essas para questões de acesso de uso, como a pessoa não ter oportunidades significativas de uso da tecnologia.

Já Klecun (2008) trabalharia as limitações como disparidades. A primeira disparidade estaria no fato de a pessoa não ter essa tecnologia, não sendo um problema da pessoa, uma vez que esses acessos seriam como as limitações de acesso a serviços de saúde, oportunidades de emprego, etc. a segunda disparidade apresentada pelo autor diz respeito à uma questão de diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, sendo os primeiros com acesso mais facilitado às tecnologias, uma vez que ainda faltaria aos subdesenvolvidos um “*catching up*” nesse sentido. A terceira disparidade diria respeito políticas e sociais, nas quais os problemas avançam de problemas tecnológicos e de desenvolvimento para aspectos políticos e sociais. Por fim, teríamos aqueles que acabam por rejeitar ideias de limitações como questões políticas e/ou de desenvolvimento, pois desviariam a atenção de outros domínios relevantes, como a saúde pública e o meio ambiente.

Ajzen (1991) desenvolveu as ideias da teoria do comportamento planejado (*theory of planned behavior* – TPB). Nessa, o autor indica que, quanto mais favoráveis forem a atitude e a norma subjetiva com relação a um comportamento, e quanto maior for o controle comportamental percebido, maior será a probabilidade de o indivíduo se engajar nesse comportamento. Dessa forma, a intenção somente se converte em comportamento se a

pessoa possuir controle volitivo, ou seja, se ela puder decidir sobre exercer ou não o comportamento

Buscando um entendimento aplicado, e baseados na lente de Ajzen (1991) é que Bellini et al. (2010) redesenham pressupostos teóricos anteriores de limitações digitais em um modelo em que a identificação de três dimensões da limitação digital e a contribuição da TPB poderiam prover benefício significativo para o entendimento mais profundo do fenômeno. Dessa forma, as três limitações propostas seriam: limitações de acesso, cognitivo-informacional e comportamental:

A limitação de acesso (LA) refere-se à dificuldade social e material do indivíduo em acessar as TICs. Isso pode ser devido a formas de exclusão social, à falta de acesso voluntário à Internet, à inadequação dos recursos de hardware e software disponíveis, a interfaces homem-máquina de baixa ergonomia, etc.;

A limitação cognitivo-informacional (LI) refere-se a deficiências do indivíduo em nível de habilidades digitais necessárias para fazer uso efetivo das TICs. As deficiências podem se manifestar no saber buscar, selecionar, processar e aplicar as informações disponibilizadas pelas TICs, e as causas disso podem ser diversas – como aspectos neurológicos e psicológicos, formação formal deficiente, experiências de vida pouco ricas, etc.;

A limitação comportamental (LC) refere-se à dificuldade do indivíduo em aplicar plenamente as suas habilidades digitais, mesmo que as possua em nível elevado. Essas dificuldades podem incluir desde um bloqueio psicológico ao uso das TICs até um uso excessivo das mesmas. (BELLINI et al. 2010, p. 30-31).

2.2 Sob a lente de Bellini et al. (2010)

Desde então, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos, aplicando a lente teórica de Bellini et al. (2010)

Focando os níveis de acesso e as habilidades e comportamentos de indivíduos em relação às tecnologias de informação e comunicação (TICs), Garcia e Bellini (2013) estudam as limitações digitais e forma que estas se relacionam com o uso efetivo de TICs nos locais de trabalho e nas horas de lazer. Os resultados indicam que cyberslacking (cibervadiagem) não representa instância inequívoca de limitação digital comportamental, o que sugeriria a necessidade de se aprofundar o assunto em pesquisas futuras.

Viana e Bellini (2017) discutem a relação entre vulnerabilidade à engenharia social e o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) na terceira idade, apresentando que os idosos estão mais vulneráveis no trato com credenciais de identificação para acesso a TICs, e menos vulneráveis em ações mais deliberadas, como acessar links maliciosos compartilhados em correio eletrônico.

Já o estudo de Araujo e Reinhard (2018) arrazoam sobre a compreensão sobre as características do usuário de Internet no Brasil, analisando as desigualdades nos níveis

de habilidades digitais desses internautas. Dentre os achados, os autores apresentam os usuários em grupos. Os usuários do grupo amplo apresentavam o maior nível de habilidade digital em todos os domínios analisados, enquanto que os usuários limitados possuem o perfil oposto, isto é, menor nível de habilidade digital.

Aproximando o modelo de limitações digitais aos movimentos na área da educação, Isoni Filho (2013) elaborou um novo instrumento, construído a partir de escalas existentes de mensuração de sensações de ansiedade e de percepção de autoeficácia computacional, a fim de investigar se a estrutura teórica dos construtos associados a limitações cognitivas e comportamentais – ansiedade e autoeficácia computacional relacionavam-se às limitações digitais em usuários de TICs. Os resultados sugerem implicações teóricas sobre os estudos que tratam a exclusão e a desigualdade digital. Uma primeira contribuição diz respeito à evidenciação da importância das dimensões cognitiva e comportamental no tratamento da interação homem-computador com vistas à efetividade de uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Outra contribuição teórica desta pesquisa está relacionada à validação do modelo tridimensional de limitações digitais.

Conceição (2016) investigou a inserção do Tablet/PC do “Programa Aluno Conectado” (PAC), nas turmas de 3º anos do Ensino Médio, da Escola de Referência Severino Cordeiro de Arruda em Taquaritinga do Norte – PE, e analisou os impactos que as TICs têm gerado, identificando os principais desafios enfrentados pelos estudantes da Zona Rural e da Zona Urbana e as perspectivas e entraves encontradas pelos professores. A autora apresentou como resultados que ainda não havia a efetivação da inclusão digital, e que o PAC precisaria passar por avaliações a fim de diminuir as deficiências encontradas na formação de professores, na motivação dos estudantes e no acesso à internet.

Trazendo a discussão ensino e tecnologia ao campo da educação superior, Pereira Junior et al. (2019) analisaram as limitações digitais de professores na utilização da ferramenta Trello como apoio ao planejamento estratégico de uma Secretaria de Educação a Distância de uma Universidade Federal brasileira, com o objetivo de compreender quais limitações podem ser destacadas como os principais impeditivos ao uso efetivo da tecnologia. Nessa pesquisa, certas questões são consideradas mais impeditivas à efetividade digital, onde destacam-se o não estímulo ao uso da ferramenta durante as reuniões, a falta de treinamento e capacitações, a não priorização do uso da ferramenta Trello, a falta de relação interpessoal entre a equipe, além da falta de capacitação. Outro aporte deixado pelos autores foi a constatação de que a inserção de um novo sistema pode gerar resistência na equipe de trabalho. No setor privado, essa resistência é reduzida devido a necessidade do uso do sistema de forma impositiva pelo

gestor. Entretanto, no setor público, percebe-se que essa resistência pode se constituir uma barreira, pois o envolvimento dos servidores pode ser decisivo para a efetividade da implementação de uma mudança.

2.3 Limitações digitais na prática docente do período emergencial remoto.

Em 2020 e 2021 o mundo mudou diante da pandemia da pandemia da Covid-19, que gerou grandes efeitos na educação e na necessidade de uma rápida resposta adaptativa de instituições, docentes e discentes, na busca de uma resolução que permitisse a continuidade do processo educativo em outros formatos (NOVELLO et al., 2021). Nesse sentido, pesquisas foram desenvolvidas a fim de entender as limitações digitais dos professores quanto à utilização de novas tecnologias e/ou mesmo a intensificação do uso de ambientes virtuais de aprendizagem.

Novello et al. (2020) objetivaram compreender, através das percepções de professores, as limitações digitais que aparecem como dificultadoras para a utilização das tecnologias da informação e comunicações, durante o período de trabalho home office, ocasionado pela pandemia da Covid-19.

Em limitações de acesso foram levantadas 49 limitações digitais, elencadas em dois eixos de análise: um para fatores sociais e outro para materiais. Em limitações sociais foram levantadas 25 limitações digitais, elencadas em duas subcategorias, a saber: integração entre as funcionalidades do AVA para os usos da docência; e problemas de configuração dos AVA. (...) Avançando nas discussões sobre limitações de acesso, os entrevistados foram consultados a fim de discorrerem sobre as limitações materiais. Nestas, foram levantadas 24 limitações digitais, elencadas em quatro subcategorias, a saber: indisponibilidades do sistema; problemas com a internet; hardware, dispositivos; assim como aspectos ergonômicos e infraestruturais. Quanto ao agrupamento de limitações cognitivo-informacionais, em que se elencaram 21 limitações digitais, que se apresentam desdobradas em três subcategorias, sendo estas: limitações acerca das capacitações para utilização dos AVA; de termos e funcionalidades dos sistemas; e de praticidade, intuitividade e navegabilidade destes. Já sobre as limitações comportamentais, estas foram desdobradas em quatro agrupamentos de limitações, sendo estas: esquecimentos; impactos no trabalho de outras pessoas; AVA como dificultador das atividades; e questões pessoais, totalizando 20 aspectos referenciados. (NOVELLO et al., 2020, p. 6)

Nesse sentido ainda, Pereira Junior e Novello (2021) analisaram cada uma das noventa limitações supracitadas, construindo assim um modelo genérico de limitações digitais dos professores nos ambientes virtuais de aprendizagem, em época de pandemia, apresentado a seguir, na figura 1.

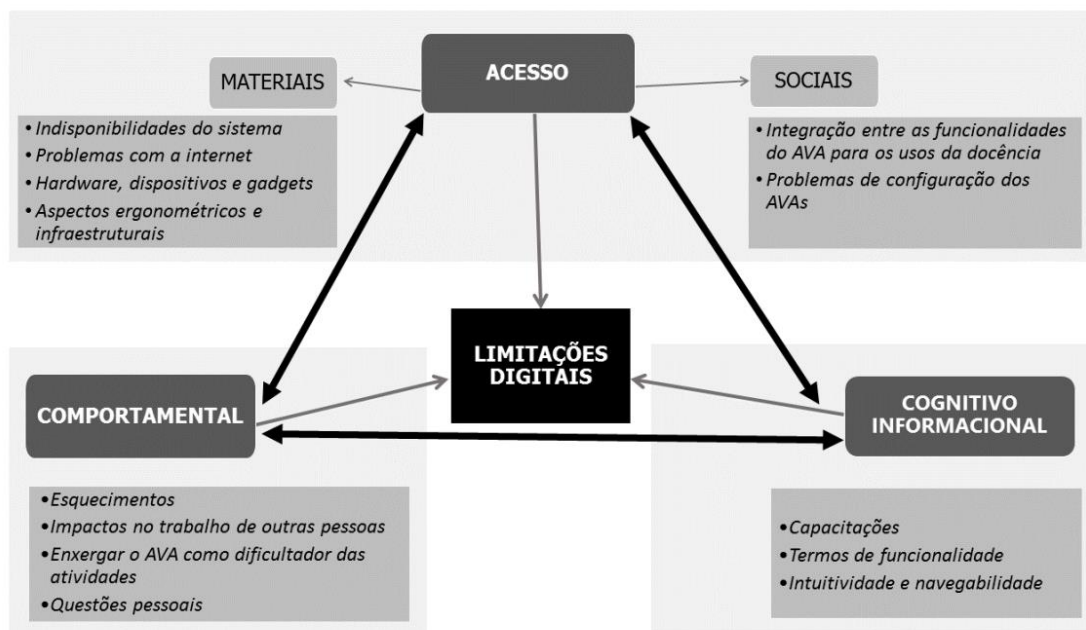


FIGURA 1: LIMITAÇÕES DIGITAIS DOS PROFESSORES NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM, EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Fonte: Pereira Junior e Novello (2021).

Destas limitações, percebe-se que o trabalho remoto tem implicado em diversas questões nas vidas dos professores. Perpassando questões de acesso já clássicas como indisponibilidades; problemas com internet, hardware, dispositivos e gadgets; ou mesmo questões de configurações da ferramenta, emergem novas questões antes não pensadas na prática docente pelo professor, como aspectos ergonômicos e infraestruturais e questões pessoais.

Questões como essa voltam a aparecer na pesquisa que analisa as práticas educativas emergentes nas novas formas de trabalho remoto durante a Covid-19 na lente supracitada de Bellini, de Novello et al. (2021). Apesar de trabalhar com apenas um construto apontado, a saber, as limitações de acesso) as limitações de acesso apontadas pelos professores estão alinhadas à ausência de artefatos apropriados e/ou dificuldades em configurá-los, além disso, questões ergométricas, como mobiliário e ambiente apropriado também foram apontados. O que “desponta” ainda é o impacto do trabalho remoto na rotina e experiências da família e os desafios em alinhar as demandas de trabalho.

3. MÉTODO PROPOSTO

3.1 Delineamento e tratamento teórico

Quanto ao propósito desta etapa, esta está classificada como pesquisa diagnóstica. Para Roesch et al. (2015), este tipo tem por propósito levantar e definir problemas e explorar determinado ambiente. Este diagnóstico reporta então uma situação ou momento definido. Para os autores, pesquisa-diagnóstico explora o ambiente e a situação através da coleta e análise de dados, levantando e exibindo os problemas encontrados. O diagnóstico que se objetiva apresentar são quais os fatores do trabalho remoto que apresentam aumento de carga de trabalho para os professores no período remoto.

Quanto à abordagem, esta etapa da pesquisa pode ser classificada como qualitativa. Severino (2017) entende a pesquisa qualitativa como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, pois procura descrever e decodificar os componentes, pois há um sistema complexo com muitos significados, tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social para o pesquisado. A escolha pelo método qualitativo se dá uma vez que se busca entender em profundidade, por meio das falas dos professores as situações que podem estar gerando aumento de trabalho.

Já no que se refere à coleta, foram feitas entrevistas em profundidades. Roesch et al. (2015) consideram a entrevista em profundidade como a técnica fundamental da pesquisa qualitativa e explicam que essa técnica requer maior habilidade e maior tempo do entrevistador, porque busca entender como os entrevistados percebem determinadas situações em contextos não muito bem definidos. Nesse sentido, Malhotra (2012) explica que a entrevista em profundidade pode ser não estruturada, direta e pessoal, em que se busca descobrir as motivações, crenças e atitudes referentes a um tema.

Quanto à técnica de análise de dados, foi utilizada a análise de conteúdo. Bardin (2011) afirma que a análise de conteúdo aumenta a prospecção da descoberta, trazendo riqueza na análise, e buscam-se provas para afirmação de uma hipótese. Assim, a análise de conteúdo trata de trazer à tona o que está em segundo plano na mensagem que se estuda, buscando outros significados intrínsecos na mensagem.

3.2 Operacionalização e detalhes técnicos

Foram entrevistados sete professores que desenvolveram, conjuntamente, um evento totalmente virtual no período de 2020. A Mostra de Produção Universitária da

Universidade Federal do Rio Grande (MPU/FURG), até sua 18ª edição, em 2019, sempre fora feito de forma presencial. Todavia, no ano de 2020 a 19ª mostra precisou ser repensada para um formato totalmente virtual. Justifica-se a escolha por entrevistar então, os 7 professores que participaram desse momento. As entrevistas foram feitas durante o mês de março de 2021, de forma online através de ferramentas como o Zoom, Google Meet e Skype e tiveram duração média de 1 hora e meia, cada. Estas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e transcritas. A seguir no quadro 1, apresentam-se as informações básicas dos entrevistados.

QUADRO 1: DADOS DOS ENTREVISTADOS

Identificação	Formação / Titulação	Representando qual órgão da FURG	Experiência com a MPU/FURG.
ID01	Licenciatura em Ciências Biológicas; Bacharelado em Ciências Biológicas; Mestrado em Ciências Fisiológicas; e Doutorado em Educação em Ciências.	Pró reitoria de extensão e cultura.	Trabalhou em 5 edições de MPUs anteriores, sendo a edição de 2020, sua 6ª participação.
ID02	Licenciatura em Ciências Biológicas; Mestrado em Oceanografia Biológica; e Doutorado em Zoologia.	Pró reitoria de extensão e cultura.	Trabalhou em 3 edições de MPUs anteriores, sendo a edição de 2020, sua 4ª participação.
ID03	Licenciatura em Pedagogia; e Mestrado em Educação.	Diretoria de Arte e Cultura	Trabalhou em 3 edições de MPUs anteriores, sendo a edição de 2020, sua 4ª participação.
ID04	Bacharelado em Enfermagem; Mestrado em Enfermagem; e Doutorado em Enfermagem.	Pró reitoria de pesquisa.	A MPU de 2020 foi sua 1ª participação.
ID05	Bacharelado em Administração; Especialização em Educação Física Escolar; e Mestrado em Educação Física.	Pró reitoria de extensão e cultura.	Trabalhou em 2 edições de MPUs anteriores, sendo a edição de 2020, sua 3ª participação.
ID06	Bacharelado em Ciências Biológicas; Mestrado em Oceanografia Biológica; e Doutorado em Ecology and Evolutionary Biology.	Pró reitoria de pesquisa.	Trabalhou em uma edição anterior da MPU. A de 2020, foi sua 2ª participação.
ID07	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Educação em Direitos Humanos; e Mestrado em Letras.	Pró reitoria de graduação.	Trabalhou em 7 edições anteriores da MPU. Em 2020, sua 8ª participação.

Fonte: dados da pesquisa.

3.3 O objeto de estudo: Mostra da Produção Universitária da FURG

A Mostra Universitária tem suas origens na realização do Congresso Anual de Iniciação Científica, que de 1992 até 2001, era realizado por três Universidades da região em sistema de parceria: a Fundação Universidade Federal de Rio Grande, a Universidade Federal de Pelotas e a Universidade Católica de Pelotas. Alternadamente, o encontro ocorria em Pelotas e em Rio Grande. Tendo em vista o grande número de trabalhos inscritos, a partir do ano de 2001, cada Universidade passou a realizar o seu próprio Congresso. Na FURG, desde 2002, o evento foi renomeado e passou a ser chamado Mostra da Produção Universitária/FURG (I MPU) passando a reunir diferentes eventos: o Congresso de Iniciação Científica (CIC), o Seminário de Extensão e o Encontro de Pós-Graduação, atividades estas que aconteciam em períodos distintos. (FURG, 2009).

Sob o efeito da Pandemia (Covid-19) e exaltando a importância da ciência para a sociedade, a Mostra da Produção Universitária (MPU) tem no ano de 2020 uma programação diferenciada. Em sua 19ª edição, o evento aconteceu pela primeira vez em versão integralmente online, no mês de novembro, com as atividades que compõem o formato original adaptadas à nova realidade de distanciamento controlado. O maior desafio foi o de repensar o modelo que já estava bem estabelecido, de forma a permitir a conexão entre os participantes, com várias ações acontecendo simultaneamente e de forma online. O tema “Ciência é compromisso social!” ressaltou a importância e o papel da ciência como norteadora na tomada de decisões da sociedade e a sua relevância para novas descobertas, para a inovação e melhoria da qualidade de vida, reafirmando a importância da saúde pública gratuita e do compromisso das instituições públicas com as comunidades nas quais estão inseridas. A realização da 19ª MPU (Virtual) foi em formato totalmente digital e remoto e as atividades foram realizadas de forma assíncronas, quando da gravação de apresentações, ou síncronas na execução de atividades culturais, oficinas, palestras e debates (FURG, 2020).

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em primeiro momento, investigou-se sobre os efeitos da mudança do evento ter sido historicamente presencial e passar a um formato remoto. Os professores foram questionados sobre problemas no sentido de estar acostumado a executar seu trabalho na instituição e de repente **ter que executá-lo de casa**. Destacam-se, nesse sentido a preocupação com a ideia de que o formato remoto precisa e deverá ser por um período transitório, voltando ao presencial assim que possível, como na fala de E1: “Toda mudança gera um incômodo inicial. Mas a adaptação faz parte do processo. Acredito que o evento presencial nunca será substituído, pois possibilita inúmeras interações. Mas foi uma necessidade de adaptação ao momento.”.

Nesse mesmo sentido, aspectos de **estrutura física de trabalho** se mostram como angústias recorrentes: não se ter cadeira, mesa, iluminação, climatização, salas e outras configurações necessárias aparecem na fala de praticamente todos os entrevistados, como se destaca na fala de E2:

“Eu não tinha nada. O que eu fiz: eu peguei uma mesa que era do meu filho que ele não está usando mais, eu tinha feito uma salinha pra ele, tipo um escritório. Então sobrou uma mesinha, eu fui catando tudo que sobrava pra arrumar um espaço de trabalho, dentro do meu quarto. Já a cadeira, eu trouxe da FURG. Não ia comprar uma cadeira. Fui lá pegar a cadeira do trabalho.”

Direcionados a pensar a dinâmica familiar e os impactos do trabalho remoto nos outros membros de sua residência, os professores foram questionados em dois eixos. O primeiro no aspecto de essa dinâmica atrapalhar o trabalho e o segundo no aspecto de essa dinâmica atrapalhar a convivência familiar.

Sobre **a residência atrapalhar o trabalho remoto**, os entrevistados relatam que acontecem situações assim rotineiramente, como estarem com a câmera aberta em reuniões e familiares ou animais domésticos aparecerem nas chamadas, há relatos de situações familiares, como as crianças pequenas demandarem atenção e isso aparecer no vídeo, como na fala de E2:

“[...] minha irmã ficou oito meses aqui com a gente, e ela tem gêmeos. E aí claro, ela passou atrás gritando: ‘eu vou pegar vocês...’. Eu não sabia se eu explicava ou ficava quieta, mas me deu vontade de rir, e eu tive que me explicar,

falei: ‘gente minha irmã tem gêmeos aí deu algum problema lá e ela teve que fazer uma mediação...’. Mas as crianças faziam muito barulho [...].”

No contraponto, sobre **o trabalho remoto atrapalhar o ambiente doméstico**, os professores relatam que os familiares compreendem a necessidade dessa alteração em sua dinâmica e podem enxergar isso de forma positiva, como na fala de E7: “[...] entendem essa necessidade e até gostam um pouco por eu passar mais tempo em casa;”, mas também se sentem invadidos com o trabalho estar dentro da casa, como na fala de E1: “No início nos sentimos invadidos. Mas acho que esse foi o sentimento geral. Mas com o tempo conseguimos nos adaptar. A rotina foi mantida desde o início e acho que isso ajudou.”. por estarem em casa, algumas tarefas domésticas passam a exigir maior atenção e o trabalho remoto aparece como um dificultador destas, como relata E5: “minha família até compreende, mas não pude cumprir minhas tarefas domésticas satisfatoriamente pela necessidade de estar presente nos três turnos de evento.”. Essa *sobreposição laboral* atividade profissional e doméstica traz uma percepção para os familiares, de uma *intensificação e/ou aumento da jornada de trabalho* dos professores, como relata E6: “A reclamação é de um tempo muito extenso e dedicado ao trabalho remoto. Sem horários, sem turnos, sem final de semana sem nada, essa é a reclamação, mas não por ser um trabalho remoto em si.”.

Dando sequência à pesquisa, os professores foram questionados acerca de **estarem mais tempo em casa, mas não necessariamente dividi-lo com seus familiares**. E2 traz que

“Temos mais tempo juntos em casa, mas não quer dizer que estejamos fazendo mais coisas juntos. Comemos juntos todos os dias, não fazíamos antes com as atividades presenciais. Mas estamos cada qual em um canto fazendo trabalho/escola. [...] o fato de estarmos todos em casa, não ampliou o contato verdadeiro, essa tensão que paira no ar, nas notícias etc., não permite uma qualidade de presença.”

Aqui, novamente aparecem os aspectos de *intensificação e/ou aumento da jornada de trabalho*, como: E1: “Estamos muito mais sobrecarregados com o trabalho remoto. Meu filho com aulas on-line e cheio de atividades. Assim, o fato de estar em casa trabalhando não mudou muito o tempo dedicado ao lazer em família. Fazemos aquilo que sempre fizemos.”. E2 “complementa”: “Incomoda eles verem o tanto que eu trabalho porque sai de casa e não vê. Ah tá trabalhando, mas tu não tá vendo se a pessoa tá em reunião ou não tá eu percebi isso assim.”, e E4

coloca algo semelhante, ao dizer que “as atividades online aumentaram e por vezes a separação em cômodos aumentou para a participação de reuniões e do próprio desenvolvimento do trabalho”. Ainda nesse aspecto, E6 parece sintetizar o sentimento:

foi pesado, é bastante pesado trabalhar nesse formato remoto e compatibilizar minhas atividades. Minha relação é que a qualidade de trabalho reduz absurdamente. Por que divide com a família, afazeres domésticos. E aí tem que ampliar o número de horas trabalhado pra poder dar conta das atividades e mesmo assim a gente não consegue dar conta, então o resumo do trabalho remoto ao longe desse ano inteiro é que foi bem pesado e a única coisa que se salva disso é a convivência com a família.

Por fim, a questão de **intensificação e/ou aumento da jornada de trabalho**, que já apareceram em respostas de perguntas anteriores, foram colocados no lócus da investigação. A pergunta “Você conseguiu organizar os horários no seu dia para trabalhar em uma jornada específica, ou acabou ficando online mais tempo?” teve uma resposta unanime: “sim”. Em parte, por *atividades simultâneas sendo desenvolvidas*, como E1: “Em alguns dias fiquei auxiliando fora do meu horário de trabalho. Assim, acabei trabalhando mais horas, pois tinha que dar conta de outras demandas do trabalho.”, E2: “Como comissão organizadora fiquei os três turnos a disposição da MPU, fizemos escala para que em 2 turnos estivéssemos na MPU, porém o terceiro turno era para realizar todas as demais atividades docentes que não foram suspensas nesta MPU, isso sim foi bastante pesado para a equipe de docentes e dirigentes na MPU.”, E4: “na época com muitas atribuições para além da MPU.”.

Nesse mesmo aspecto, os relatos revelam que nesse formato remoto aparece uma *execução de quantidade desigual do trabalho*, no que alguns professores relataram estar disponíveis, mas “não ter trabalho a fazer”, como relata E3:

Teve momentos que a gente ficou tipo assim, ah precisa fazer escala da secretaria. Eu dei meu nome pra três turnos e eu não fiz nada. Eu estava lá, pessoa e aí, sabe? [...] Não precisava a gente ter ficado. Mas eu agradeço, fico feliz, pode roubar não precisava ter aquele esquema ali de secretaria acho que a gente não precisava, talvez uma ou duas pessoas pra alguma urgência que aparecesse. Mas eu fiz escalas, botei dois servidores na secretaria. Teve uma colega que estava sem computador em casa foi trabalhar lá na FURG presencialmente porque eu falei, olha tem que estar na secretaria. Aí ela me disse: ‘Eu não estou fazendo nada, que secretaria é essa?’ Não tinha necessidade.

Ao passo que outros relatam ter trabalhado até mesmo mais do que previamente distribuído, como E5: “Tínhamos uma organização de turnos, mas pela demanda de trabalho e falta de rigidez na organização da comissão, trabalhei em todos os turnos durante todos os dias do evento.”, e E6: “Eu estive muito tempo online, praticamente todo tempo online se não no computador, no WhatsApp [...] estando com o telefone na mão eu consegui atender e responder questões sejam diretamente no fórum ou especificamente com cada um dos membro ajudado na organização [...]”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio buscou identificar quais implicações do trabalho remoto geram aumentos na carga de trabalho dos professores durante a pandemia da Covid-19, na transposição de um evento presencial para modalidade remota e virtual. Para isso, foi performada uma pesquisa diagnostico, qualitativa analisando o conteúdo de entrevistas em profundidade com sete professores membros da comissão organizadora da 19ª Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande, em 2020.

Através da lente teórica de Bellini et al. (2010), diversas são as limitações digitais que impactam diretamente na adoção e uso efetivo da tecnologia em qualquer tipo de trabalho, sendo uma delas a limitação comportamental, recorte apresentado nesta pesquisa.

A transposição do evento 19ª MPU de presencial para remoto trouxe a implicação de levar aos professores a necessidade gerenciá-lo de suas casas. A angústia que aparece na fala dos professores de que “estamos fazendo virtualmente, mas vamos voltar ao formato presencial” é algo que tem sido recorrente nesse período emergencial, como um exemplo Oliveira (2020) arrazoa sobre o fato de os educadores temerem volta à aula presencial, mas revelarem preocupação com indefinição da pandemia. Com um fluxo vagaroso de vacinação em um país grande como o Brasil, a demora do retorno presencial “briga” com o medo do contágio da Covid quando as instituições de ensino abrirem suas portas.

Já em relação aos aspectos de estrutura física do trabalho, essas questões ergonômicas apresentam-se como uma dificuldade que vem sendo debatida por

professores em diversos espaços, como o apresentado em Pereira Junior e Novello (2021): “a ausência de cadeiras adequadas à utilização de muitas horas de trabalho, levando os professores a trabalharem no sofá, na cama e em outros lugares, ocasionando diversos problemas, como até mesmo problemas musculares. O destaque feito aqui é o de que, nas estruturas físicas das instituições de ensino, todos esses artefatos higiênicos necessários para a execução do trabalho são fornecidos, mas e na casa dos professores? Eles são “obrigados” a pagarem de seu bolso por uma estrutura mínima para trabalharem? De quem é essa responsabilidade?”

Outra(s) questão(ões) interessantes são: o ambiente familiar atrapalha o trabalho remoto, mas o trabalho remoto também atrapalha o ambiente familiar. Existem dois espaços, diferentemente constituídos, sendo um deles de labor, onde executam-se as atividades de trabalho e outro o de seu lar para descanso e relações familiares. A pandemia derrubou essa barreira e os espaços tornaram-se amorfos, um perpassando o outro. Nesse sentido, Fortes (2020) traz que a doutora em Educação, Morgana Domênica Hattge, ressalta que cada estudante e cada família têm uma organização própria e única. “A casa não é ambiente educacional. Há famílias, estudantes e professores que estão conseguindo lidar bem com as tarefas domiciliares nesse tempo de ensino remoto. Mas há muitas famílias que estão enfrentando grandes dificuldades.

Nesse sentido, o fato de os professores estarem em casa, mas não em seus “papéis familiares” de pais, mães, filhos... e sim em seus papéis profissionais causa um “choque de realidade” aos membros familiares que percebem em frente de seus olhos o quanto o professor trabalha. Diante disso, para as famílias cai o mito de “professor, você trabalha onde?”, uma vez que a atividade docente se mostra desenhada. O professor trabalha, e muito e ainda mais, quando de forma remota. Carvalho (2020) traz uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de Rio Preto (Sinpro), com educadores da rede particular da cidade, cujo resultado indica que oito em cada dez professores de Rio Preto dizem estar trabalhando mais durante a pandemia da Covid-19. É possível inferir que essa realidade está presente bem além das fronteiras de Rio Preto, como o presente estudo e outras pesquisas, como Novello et al. (2021); Pereira Junior e Novello (2021) e outras.

Essa realidade “percebida” pelos familiares é uma verdade também na percepção e relato dos próprios docentes. Muitas das relações dos espaços de sala de aula agora não encontram barreiras e surgem constantemente na tela dos celulares dos professores sem hora marcada, através do WhatsApp, e-mails e outros. Além disso, a sobreposição de reuniões e tarefas, bem como a sequência apertada de tarefas diárias extraem dos professores uma quantidade de trabalho intensificada e também ampliada: trabalham-se mais horas e trabalha-se mais nessas horas. Nesse aspecto, Vilela (2020) traz relatos de como essa sobrecarga de trabalho e ensino remoto provocam abalo psicológico nos professores, levando-os a trabalhar em jornadas que começam às 7h e terminando perto das 22h, montando todo o cronograma do dia seguinte – totalizando jornadas de 15h diárias.

É certo que a pandemia alterou as relações de trabalho de muitos trabalhadores em suas atividades laborais. No entanto, é necessário trazer luz ao impacto direto que esta traz em atividades docentes. Assim como existem os “negacionistas” em pensar que “professor só dá aula, nem trabalha”, e os “românticos” percebendo e elogiando a entrega dos professores nesse período, poucos entendem o real significado do que é ser um professor em casa durante a pandemia. Tornam-se relevantes discussões que tragam à baila essa e outras questões. Entender a docência nesse contexto pode ser um passo para expandir e perceber a importância dessa profissão, muitas vezes tão despercebida.

A presente pesquisa apresenta como limitações o fato de ter sido executada com apenas um evento remoto através da visão de apenas sete professores. Novas pesquisas podem ser geradas com o mesmo aspecto, mas em formato multicase. Outra sugestão para pesquisas futuras pode ser a análise do trabalho docente à luz de outra lente teórica, como a de extração de mais valia (relativa e absoluta).

6. REFERÊNCIAS

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

ARAUJO, M. H. D.; REINHARD, N. Characterizing Brazilian Internet Users: An analysis based on Digital Skills. In: XXIV Conference on Information Systems, 24. New Orleans, Louisiana. **Anais eletrônicos**. 2018. 1-10.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 11. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRAS, R. Towards a theory of innovation in services. **Research policy**, v. 15, n. 4, p. 161-173, 1986

BELLINI, C. G. P.; GIEBELEN, E; CASALI, R. D. R. B. Limitações digitais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n. 2, p. 25-35, 2010.

CONCEIÇÃO, M. S. D. (2016). O uso do Tablet/PC no Ensino Médio na Escola Estadual Severino Cordeiro de Arruda: perspectivas e desafios. In: VI Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação e II Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias, 6/2. Recife, Pe. **Anais eletrônicos**. 2015. 1-20.

FORTES, T. “A casa não é escola”, analisa doutora em Educação. **Portal folhadomate.com**. [2020]. Disponível em: <https://folhadomate.com/noticias/a-casa-nao-e-escola-analisa-doutora-em-educacao/>. Acesso em: 11 set. 2021.

FURG. Bem Vindos | VIII Mostra da Produção Universitária - Anais do Evento. **Portal furg.br**. [2009]. Disponível em: <https://propesp.furg.br/anaismpu/cd2009/index.html>. Acesso em 11 set. 2021.

FURG. Sobre a 19ª MPU. **Portal furg.br**. [2020]. Disponível em: <https://mpu.furg.br/sobre-a-19-mpu>. Acesso em 11 set. 2021.

GARCIA, D. D. A.; BELLINI, C. G. P., Cyberslacking e Limitações Digitais. In: XXI Conf-irm, 21. Sem cidade. **Anais eletrônicos**. 2013. 1-15.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.
ISONI FILHO, M. M. **Limitações digitais cognitivas: estudo sobre a relação entre autoeficácia e ansiedade**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Paraíba. 2013. 1-91.

KLECUN, E. Bringing lost sheep into the fold: Questioning the discourse of the digital divide. **Information Technology & People**, v. 21, n. 3, p. 267-282, 2008.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. São Paulo: Bookman, 2012

NOVELLO, T. P.; PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, F. D.; LEITE, F. K.; ZEPKA, N. F. R. Limitações digitais e covid-19: práticas educativas emergentes nas novas formas de trabalho remoto. In: XII Congresso de Administração Sociedade e Inovação – CASI, 13. Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos**. 2021. 1-17.

NOVELLO, T. P.; PEREIRA JUNIOR, E, F. Z.; RIBEIRO, N. F. Ambientes virtuais de aprendizagem: limitações digitais dos professores em época de pandemia do Covid-19. In: I Simpósio nacional de estratégias e multidebates da educação – SEMEDUC, 1. Online. **Anais eletrônicos**, 2020. 1-11.

OLIVEIRA, E. Pais e educadores temem volta à aula presencial, mas revelam preocupação com indefinição da pandemia. **Portal G1.globo.com**. [2020]. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/02/pais-e-educadores-temem-volta-a-aula-presencial-mas-revelam-preocupacao-com-indefinicao-da-pandemia.ghtml>. Acesso em 11 set. 2021.

PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; NOVELLO, T. P. Mapeamento das limitações digitais de professores durante o ensino remoto. **Debates em Educação**, v. 13, n. 31, p. 902-926, 2021.

PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; SCHROEDER, E. A.; DOLCI, D. B. Limitações digitais, causas e consequências na efetividade do uso do site trello no planejamento estratégico de uma secretaria de educação a distância de uma universidade federal. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 6, n. 1, p. 69-85, 2019.

ROESCH, S. M.; BECKER, G. V.; de MELLO, M. I. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. São Paulo: Atlas, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VAN DIJK, J.; HACKER, K. The digital divide as a complex and dynamic phenomenon. **The information society**, v. 19, n. 4, p. 315-326, 2003.

VIANA, J. A. L.; BELLINI, C. G. P. Uso das tecnologias de informação e comunicação na terceira idade: um estudo sobre vulnerabilidade à engenharia social. In: XLI Encontro da Associação nacional de pós graduação e pesquisa em administração – ENANPAD, 41. São Paulo, SP. **Anais eletrônicos**. 2017. 1-15.

VILELA, R. Professores passam a contar com apoio emocional durante pandemia. **Portal agenciabrasil.ebc.com.br**. [2020]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-08/professores-passam-contar-com-apoio-emocional-na-pandemia>. Acesso em 11 set. 2021. t